

## CULTURA DA NECA TRUCADA - COMUNIDADE QUEER E A SUBALTERNIZAÇÃO A HETERONORMATIVIDADE

GABRIEL HENRIQUE DE ALMEIDA<sup>1</sup>; ALEXANDRA GONÇALVES DIAS<sup>3</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas 1 – almeidaufpel@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – xandadias@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Neste material proponho uma reflexão por meio das minhas experiências, assim, busco aqui debater temas que permeiam a comunidade queer, um olhar atravessado em refletir sobre como estas comunidades podem reagir e performar suas masculinidades em relação ao seu tempo e as opressões a eles proferidas, quais são os efeitos e comportamentos criado por eles (pessoas queer) dentro da norma e da cultura heterossexual. Logo abordarei como os gays se moldam e se submetem a cultura hetero que os oprimem em seus ambientes diversos como festas, universidade, família, relacionamento amoroso, entre outros espaços que eles conseguem colocar seus corpos, disfarçados ou descaradamente. Eu, escritor desse artigo sou um jovem negro, periférico, e pertencente da comunidade LGBTQIA+ performer da sigla g de gay. Mas gay é como sou chamado por algumas pessoas, geralmente as palavras destinadas a mim são bicha, viado, baitola, palavras pejorativas quando é dita como forma de violência e por maioria das vezes por alguém que se reconhece como hetero. Sempre é bom rememorar que corpos negros já são percebidos como sinônimo de não-belo pela sociedade brasileira desde a colonização, e que esse crime que se perpetua até hoje por meio do racismo estrutural é a herança deixada pelos europeus, o câncer do país que afeta a comunidade negra de forma violenta. Consequentemente as pessoas negras e queer sentem mais assiduamente as opressões que a cultura cis, branca e heteronormativa impõe. Neste documento abordo o conceito de “heteroterrorismo” cunhado por Berenice Bento (2011) em seu artigo Na escola se aprende que a diferença faz diferença; convoco Jota Mombaça (2015) escritor de Pode um cu mestiço falar?; além disso, palavras do Pajubá são utilizadas durante o texto, pois são expressões criadas pela comunidade LGBTQIA+ para se exomunicar.

### 2. METODOLOGIA

Este material é metodologicamente construído a partir de uma abordagem que tem contornos autoetnográficos, com reflexões e críticas sociais apoiados nos autores de referência que debatem sobre a teoria queer, estudos de gêneros e a descolonização de corpos e saberes acerca dos temas aqui refletidos.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que eu quero dizer com cultura da neca trucada? Segundo o pajubá, dicionário que contém expressões usadas pela comunidade LGBTQIA+ no Brasil, neca trucada é “– Expr. 1. Pênis escondido, como usam as travestis e drag queens. “Ela trucou direitinho a neca”. Com isso aqui penso o pênis como um símbolo do

patriarcado, pois são fatores biológicos que ditam dentro desse “cistema” como uma pessoa deve ou não se vestir, se nasceu com pênis é azul, se nasceu com vagina é rosa. Contudo o nosso biológico não é quem define nossas preferências na vida, logo, um homem gostar de usar batom não altera o fato dele ser mais ou menos homem. “As experiências de trânsito entre os gêneros demonstram que não somos predestinados a cumprir os desejos de nossas estruturas corpóreas” (BERENICE, 2011). Podemos nos expressar de diversas maneiras sem que isso altere o gênero que nos identificamos. Então a cultura hetero, machista e dominante rouba/esconde da comunidade LGBTQIA+ o direito de explorar as performances oferecidas pelo gênero reconhecido, seja lá qual for. Fazendo com que as expressões que pessoas queer performam sejam desqualificadas em sociedade. Também impulsionado pelo binarismo de gênero, e tudo que foge desse binário é perseguido, fazendo com que performances queer sejam sufocadas de seus desejos e identidades por nome de uma ordem social que os oprimem. Cultura da neca trucada é o pênis fora de jogo, a genitália das pessoas que se reconhecem como homens fora da normativa hetero, cis e branca e são culturalmente castradas e com isso fazem com que desejos e culturas de todo um coletivo sejam coagidos e ceifados por um outro grupo dominante. Ostracismo é um conceito criado para nomear uma punição que se era realizada em Atenas no século V a.C. Os atenienses que atentavam contra o poder da época eram expulsos da cidade-estado como forma de vergonha e castigo por descumprir com as ordens. Sócrates, o filosofo, sofreu esse processo de exclusão, mas preferiu a morte do que ser expulso do coletivo. Ser exilado de uma sociedade/cultura é algo doloroso e marcante na vida de qualquer ser humano, como indivíduos precisamos pertencer a algo para que possamos viver socialmente. Pessoas que se entendem no gênero homem acabam que naturalmente são destinadas a um estilo de conduta performativa que é dominante na sociedade.

“Como afirmar que existe um referente natural, original, para se vivenciar o gênero, se ao nascermos já encontramos as estruturas funcionando e determinando o certo e o errado, o normal e o patológico? O original já nasce “contaminado” pela cultura. Antes de nascer, o corpo já está inscrito em um campo discursivo” (BERENICE, 2011).

Qual é a cultura masculina dominante no Brasil atualmente? O país que mais mata pessoas queer no mundo tem sua estrutura comportamental bem definida para que a massa heterossexual prevaleça em questão de ser a “correta”, o modelo perfeito de performar o gênero homem. Berenice Bento vai propor o uso do termo “heteroterrorismo” a essas violências sofridas nos modos de catequização e extermínio da cultura não- heteronormativa “Há um heteroterrorismo a cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica” (BERENICE, 2011). Corpos desviantes da norma tentam achar espaço para sobreviver no meio deste sistema. Judith Butler (xxxx) vai dizer que o desempenho do papel homem ou mulher é uma invenção social, uma performance combinada por todos inconscientemente. Se colocarmos a cultura heterossexual como um jogo com comandos e ações a serem executadas conseguimos entender melhor a posição dos vinhados em grupo e como indivíduos. Então a performance acaba sendo um modo de acomodar seu corpo com o tempo que se vive, tudo é performance, o que vestimos, falamos, comemos, compramos, entre outras ações que seres podem exercer. Por consequência é expressivo/visível quem são as pessoas desviantes destas regras impostas. Se em uma festa, numa sala de aula ou até dentro de casa observamos como os sujeitos se vestem já podemos notar a opressão heteronormativa em operação, cidadãos vestidos praticamente com as

mesmas roupas, o mesmo corte de cabelo, tonalidades de cores parecidas, brincos e colares semelhantes entre outras arquiteturas de gêneros que expõe a expressão daquele sujeito. Se por acaso há algum adereço desviante da cultura “heteroterrorismo” esse objeto já te marca como o outro, como o diferente que merece ser excluído e humilhado por querer lacrar, e esse preconceito é cometido por todos independentemente se você também se reconhece como uma pessoa queer que usaria ou se comportaria diferentemente da tribo dominante. O indivíduo apesar de não concordar com as represálias recebidas por esse corpo desviante/marginalizado não expressa defesa e nem admiração por essa quebra de conduta pois logo estaria contrariando a lógica predominante hetero. Jota Mombaça salienta que essa não-fala do subalterno perante modelos coloniais de dominação não anulam que esses sujeitos não tenham o que falar.

“É fato que este silenciamento das vozes e gestos subalternos tem sido, em grande medida, o responsável pela construção de versões transparentes de fatos históricos ligados aos sujeitos geográfica, racial e sexualmente não hegemônicos. O que não significa que esses sujeitos não tenham, a seu modo, querido marcar, nas teias da história, sua diferença.” (MOMBAÇA, 2015)

Em sites de relacionamentos gays é muito comum encontrar frases como “se for afeminado não rola”, “procuro macho hetero” repito em sites de relacionamento voltados para o público gay. Ser bicha hetero é vangloriado ao ponto que Bicha poc poc é assassinado. Implemento/crio o conceito de ostracismo-queer para essa violência sofrida por pessoas LGBTQIA+ pelo patriarcado, uma exclusão silenciosa e gritante, um apagamento e assassinato desses corpos desviantes que está sempre acontecendo à luz do dia sem muita comoção nacional.

#### 4. CONCLUSÕES

Performar um outro modo de ser homem é também estar sujeito as consequências que isso pode causar, como perda de contato com familiares, amigos, perda de empregos, perca da sociabilidade e em caso piores perda da própria vida. Um caminhar afeminado, usar roupas ditas de viado acusa um corpo masculino que ele não pertence ao padrão e com isso não merece ser tratado como cidadão que exerce direitos e deveres. Como diz Berenice (2011) existe “um processo incessante de produção de anormalidade”. É notório que o ostracismo-queer atrasa a humanidade no debate de gênero, sexualidade e as pluralidades que essas performances podem oferecer. A exclusão é usada como ferramenta de massacre e dominação de uma cultura marginalizada em amplas áreas da sociedade. Pensar em como a cultura cis, branco e heteronormativo são responsáveis por atrasar e exterminar avanços humanitários é um grande passo para uma tomada de consciência e narrativa de pessoas queer que necessitam de vozes e pensamentos para auxiliarem na mudança da estrutura patriarcal. É necessário dar vozes e visibilidades a esses corpos dissidentes, como propõe Mombaça é necessário abrir espaços físicos e corporais para que possamos dar vozes a essa comunidade subalterna “[...] a interdição do cu nos corpos adequados à norma heterocissexista torna possível a manutenção do gênero como ideal regulatório atrelado à heterossexualidade como regime político.” (MOMBAÇA, 2015). De qualquer modo comportamento fugitivos dominante vão ser alvos do “heteroterrorismo” então que estejamos preparados para articular e entender nossas realidades para que assim, se possa pensar e planejar um futuro em que os subalternos consigam tomar rédea de suas próprias vidas. Aqui

podemos resumir esse artigo falando que uma simples peça de roupa, um pequeno pedaço de pano pode ser um motivo do seu assassinato. Vemos como ainda é desumano e desigual o modo como governo- sociedade-família pensa e age junto com vidas LGBTQIA+. “Ser ou não ser, eis a questão”, performar eu ou performar o outro? Qual posição colocamos nossos corpos e identidades na rua?

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERENICE, B. Na escola se aprende que a diferença faz diferença. **Revista estudos feministas**. Florianópolis, 19(2): 548-559, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022. 287 p. (Coleção Sujeito & História). ISBN 9788520006115.

MOMBAÇA, Jota. Pode um cu mestiço falar? **Medium**, Rio de Janeiro, 6 de janeiro de 2015. Acesso em: 22/09/2023. Disponível em:  
<https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee#.8aep8exn5>

RODRIGUES, P.R.A; ANDRADE, K.S. **Pequeno Vocabulário PAJUBÁ PALMENSE**. São Carlo -SP: Editora Scienza, 2023.